

UC Davis

UC Davis Previously Published Works

Title

O processo de lexicalização das expressões idiomáticas na língua portuguesa: Estratégias de ensino para falantes de outras línguas

Permalink

<https://escholarship.org/uc/item/68j410jw>

Journal

Spanish and Portuguese Review, 1(Fall 2015)

Author

Fernandes, Eugênia MS

Publication Date

2015

Peer reviewed

O processo de lexicalização das expressões idiomáticas na língua portuguesa: Estratégias de ensino para falantes de outras línguas

Eugênia Fernandes

Univeristy of California, Davis

Resumo: As expressões idiomáticas são mais uma evidência do caráter dinâmico das línguas. O tratamento desse fenômeno neste trabalho conta com conceitos funcionais-tipológicos primordiais. Para tratar da análise linguística de expressões idiomáticas, trabalhou-se sob as teorias de *continuum* de gramaticalização e lexicalização: criação de itens lexicais resultantes da junção de outros itens lexicais. A noção de *continuum* de lexicalização permitiu que durante a análise das expressões idiomáticas fosse visível o nível de lexicalização de cada uma. A pesquisa também permeou as distinções de conceitos entre lexicalização, gramaticalização e fraseologia. A análise e sistematização de expressões idiomáticas resultou em apoio para os autores de livros didáticos e professores de português como língua estrangeira, proporcionando a inclusão dos resultados em materiais futuros e de propostas de ensino que podem servir como insumo em sala de aula.

Palavras-chave: idioms/expressões idiomáticas, lexicalization/lexicalização, phraseology/fraseologia, Portuguese as a foreign language/português como língua estrangeira, typological functionalism/funcionalismo-tipológico

Introdução

Considerando a complexidade das línguas humanas e, especificamente, do português brasileiro, pode-se observar mais um fenômeno linguístico que evidencia o caráter mutável da linguagem: as expressões idiomáticas. Expressões idiomáticas (EIs) são construções com mais de uma palavra¹ que assumem um caráter metafórico. Logo, sua compreensão não ocorre apenas com o aprendizado literal dos componentes linguísticos, sendo imprescindível o componente extralinguístico: o uso.

Esta pesquisa busca propor uma análise de cunho funcional-tipológico de expressões idiomáticas do português do Brasil, a partir do levantamento e análise de um *corpus* significativo dessas expressões. Observar-se-á também como a semântica pode colaborar significativamente para o estudo em questão. O *corpus* para esta pesquisa foi levantado em livros didáticos de ensino de Português como Língua Estrangeira (PLE). A realidade dos livros didáticos evidenciou um contato longínquo dos usos reais da língua. Comparando as obras disponíveis para o ensino de PLE com as disponíveis para o ensino de outras línguas,

1 Entende-se por “palavra” a unidade linguística que funciona como um enunciado, respondendo por si só a uma pergunta.

como o espanhol e o inglês, percebe-se que as publicações voltadas para o PLE ainda são escassas. No tocante ao tratamento dado às expressões idiomáticas nos livros didáticos, nota-se que há uma enorme lacuna. Logo, espera-se contribuir tanto para o avanço dos estudos linguísticos teóricos sobre EIs quanto para a criação de uma proposta de ensino que possa ser fonte de insumo para a produção didática. Para ilustrar as dificuldades dos aprendizes com o uso de EIs, decorrente de atividades descontextualizadas de livros de didáticos, abaixo há alguns excertos de textos escritos por bilíngues, anglófonos e hispanofalantes, com o uso inadequado de expressões idiomáticas:²

“Você tem que fazer o regime ao pé da letra”.

“Se eu vejo meu ex-namorado eu vou tentar dar com a cara na porta”.

“Márcia, a enamorada, ela sempre está na morte da bezerra”.

“Está muito chato aqui, eu vou catar coquinho”.

“Eu vou pra onde Judas perdeu as botas pra poder descansar”.

As expressões idiomáticas são mais uma evidência do caráter dinâmico das línguas. O tratamento desse fenômeno neste artigo conta com conceitos funcionais-tipológicos primordiais (Brinton e Traugott 2005; Givón 1995; Hopper e Traugott 1993), que envolvem a análise linguística. Estudar as línguas humanas como instrumentos culturais e sociais de comunicação e interação traz à pesquisa linguística o reconhecimento do papel da pragmática, parte da ciência linguística interessada em saber como funcionam as línguas de maneira corrente e real, como são dadas ênfases discursivas, evidenciando um caráter não autônomo da linguagem.

Para corroborar a vertente previamente escolhida para o tratamento do fenômeno, o funcionalismo-tipológico, a teoria semântica escolhida para este trabalho foi a semântica da enunciação, uma vez que essa linha tem um casamento com a pragmática por trabalhar com jogos argumentativos iniciados na própria linguagem e por ela. A significação na semântica da enunciação é dada pelas várias possibilidades de concatenação de argumentos que a palavra pode proporcionar. Considerando a importância da noção de discurso para esta pesquisa e para conhecer a relação entre ele e a semântica enunciativa, é importante entender o que é discurso para a análise do discurso. Orlandi (1992) afirma que o discurso é o lugar de contato entre língua e ideologia, e, com Pêcheux, diz ainda que “o discurso é o efeito de sentido entre locutores” (21). A partir do conceito de discurso, infere-se que o interdiscurso é justamente a relação de um discurso com outros discursos. Um discurso é produzido, então, em cima de outros discursos.

2 A amostra de dados coletada para esta pesquisa está em conformidade com o Comitê de Ética do Ministério da Saúde do Brasil.

Ao contrário da semântica formal, na semântica da enunciação o significado será formado pelas contribuições de fragmentos do discurso, e não apenas por sentido e referência. Na *teoria da enunciação* (Benveniste 1974; Guimarães 1987), em que o objeto de estudo é o enunciado³ e não mais a frase, a enunciação é observada com seus constituintes externos: locutor, interlocutor, tempo e espaço. Dessa forma, é o ato de produzir linguagem que é levado em conta. A perspectiva passa, então, da frase para o discurso.

Expressões idiomáticas, lexicalização e o conceito de metáfora

Considera-se o léxico como uma parte da língua que tem a função de criar, guardar, organizar e transmitir os signos utilizados pelos falantes com base na construção do pensamento e na elaboração dos enunciados verbais de dada sociedade. Basílio (1987) aponta que chegar a um consenso para o conceito de palavra sempre foi problemático tanto para os linguistas quanto para os gramáticos. Mas considera que a “palavra é uma unidade linguística básica, facilmente reconhecida por falantes em sua língua nativa” (11). A autora diz que a análise gramatical considerou por muito tempo que a palavra era uma unidade mínima de análise linguística. Dessa maneira, palavras eram vistas como elementos indivisíveis passíveis de variação na forma por flexão normal e verbal. Entretanto, é possível que se formem palavras a partir de outras palavras, podendo, portanto, reconhecer-se que as palavras podem ser formadas por mais de um elemento, ou seja, podem ser unidades complexas.

Em seu artigo “Unidades complexas do léxico”, Bidermam (2005) observa que o léxico de uma língua abrange unidades distintas, heterogêneas, que partem de monossílabos até sequências complexas formadas por vários vocábulos e, até mesmo, frases inteiras, como ocorre nas expressões idiomáticas e advérbios. Biderman aponta ainda a falha dos dicionários de língua portuguesa em não se apoiarem em teoria lexical consistente, dando assim um tratamento assistemático a unidades complexas como as expressões idiomáticas. Xatara (1998) mostra a dificuldade de dar uma definição simples para expressões idiomáticas, uma vez que diversos linguistas de correntes teóricas distintas propuseram definições para o fenômeno. Xatara aponta Biderman (1978), Chafe (1979), Danlos (1981), Gross (1982), Rwet (1983), Tagnim (1988), Lodovici (1989), Vinogradov (*apud* Tristá, 1988), Bárdosi (1992), Heinz (1993) e outros.

3 Bakhtin (1987) considera que o enunciado quando dado isoladamente é claro, individual. Contudo, cada contexto de uso linguístico constrói seus tipos estáveis de enunciados, sendo denominados gêneros discursivos. Marcuschi (2003) afirma que os gêneros são intimamente ligados à cultura e à sociedade e são, portanto, fenômenos históricos resultantes de trabalho coletivo, ajudam na ordem e na estabilidade de atividades cotidianas e são modalidades de ação social para as inúmeras situações comunicativas.

Após levantamento teórico dos autores citados, Xatara (1998) define expressão idiomática como “uma lexia complexa indecomponível, conotativa e cristalizada em um idioma pela tradição cultural” (1). Para detalhar o conceito, a autora justifica o uso da terminologia, indicando que lexia complexa é uma unidade frasal ou locucional. O fenômeno é *indecomponível* por ser uma combinatória fechada de distribuição restrita. As expressões idiomáticas têm *caráter conotativo* porque “sua interpretação semântica corresponde a pelo menos um primeiro nível de abstração calculada a partir da soma de seus elementos sem considerar os significados individuais destes” (170), por fim, são *cristalizadas* porque suas significações são estáveis devido ao uso. Por essa detalhada definição, Xatara afirma que não são expressões idiomáticas: locuções, combinatórias usuais, perífrases verbais de sentido denotativo, ditados, provérbios e sintagmas terminológicos.

Ilari (2001) entende como idiomáticas aquelas construções compostas por palavras diferentes cujo sentido tem valor para o todo e não pode ser alcançado na montagem individual das palavras que as compõem. O autor aponta que uma forte característica dessas expressões é seu grau de fixidez. Ilari mostra ainda que há outras expressões denominadas composicionais que se distinguem das expressões idiomáticas por manter o sentido original das palavras, havendo a possibilidade de analisá-las por unidade, sendo o todo dessas expressões formado exatamente pela soma de suas partes. Acredita que as expressões idiomáticas têm forte grau de fixidez, o que inviabiliza a substituição de seus componentes, impedindo também mudança de ordem e inserção de outras palavras. Esta pesquisa mostra que só um tratamento no âmbito do *continuum* de lexicalização pode, de fato, dar conta das EIs, uma vez que tratá-las como elementos fixos e indecomponíveis é superficial e insuficiente.

Lakoff e Johnson (1980) e Lakoff (1987) produziram estudos voltados ao estado metafórico dos fraseologismos, inferindo que os significados de muitas expressões idiomáticas advêm de suas respectivas formações estruturais. A visão desses autores sobre o funcionamento da metáfora aborda as expressões idiomáticas dando maior importância à semântica do sentido conotativo, estes remetendo a valores universais e culturais.

Expressões idiomáticas são estruturas de caráter metafórico; sendo assim, o estudo das manifestações metafóricas nas línguas abre caminho para conhecimento de valores culturais, assim como para a compreensão da visão de mundo dessas línguas. Dessa forma, expressões idiomáticas, ou idiomatismos, são manifestações linguísticas que permitem analisar como as línguas constroem conceitos abstratos. Lakoff (1987) afirma que metáfora é uma projeção que conta com um domínio de partida (origem) e um de chegada (destino). Dessa maneira, o autor afirma que a metáfora é conceitualmente estruturada, uma vez que uma estrutura de origem se projeta numa estrutura correspondente do destino. Ao contrário da metonímia, a metáfora é arbitrária, uma vez que a metonímia é conceitualmente determinada e estabelecida por uma relação entre dois

componentes, sendo que um pode estar para o outro. Na metáfora, portanto, o contexto de uso é indispensável.

O conceito de metáfora criado por Lakoff vai além do contraste metafórico *versus* literal. Lakoff e Johnson (1980) cederam à metáfora um enfoque cognitivo. A metáfora estaria então no cotidiano, na linguagem, no pensamento e na ação. Lakoff e Johnson aponta que não é frequente percebermos que estamos fazendo uso de metáforas, pois o nosso sistema conceitual pode trabalhar também de maneira automática, porque está metaforicamente formado. Em português, é possível dizer, por exemplo, “ele é inteligente pra burro”, sendo “pra burro” uma expressão idiomática com função de advérbio de intensidade. Observa-se, assim, a arbitrariedade do fenômeno linguístico.

Para pautar as reflexões acerca das formações estruturais das EIs, é preciso perpassar ainda por dois fenômenos: a gramaticalização e a lexicalização. A gramaticalização tende a ocorrer mais em expressões cristalizadas, como as idiomáticas. Devido ao uso, os componentes das expressões começam a sofrer desgaste fonético e a perder expressividade. Visto por uma perspectiva sincrônica, o fenômeno de gramaticalização é primeiramente morfossintático e discursivo-pragmático; já o da lexicalização parte do morfológico para o lexical, causando um aumento de autonomia. Brinton e Traugott (2005) afirmam que, por isso, ambos devem ser estudados sob os padrões de dinamicidade linguística.

A análise do fenômeno: EIs como parte do sistema linguístico social e culturalmente motivado

Para a constituição do *corpus* deste trabalho, foram analisados os livros abaixo listados:

- Aprendendo Português do Brasil: Um curso para estrangeiros* (2003)
- Novo Avenida Brasil 1 e 2: Curso básico de português para estrangeiros* (2009)
- Estação Brasil: Português para estrangeiros* (2005)
- Falar... Ler... Escrever... Português: Um curso para estrangeiros* (1999)
- Muito Prazer: Fale o português do Brasil* (2008)
- Panorama Brasil: Ensino do português do mundo dos negócios* (2006)
- Ponto de Encontro: Portuguese as a World Language* (2007)
- Português para falantes de árabe* (2007)
- Português via Brasil: Um curso avançado para estrangeiros* (2005)
- Tudo Bem 1 e 2: Português para a nova geração* (2000, 2003)

Das leituras e análises feitas nos livros didáticos, obteve-se um *corpus* com 254 expressões idiomáticas que receberam uma análise criteriosa de acordo com sua estrutura e uso. Com base nos estudos da semântica da enunciação, as expressões idiomáticas levantadas foram analisadas contextualizadamente por meio de gêneros textuais diversos. Uma vez que os livros didáticos trazem essas expressões fora de contexto, decidiu-se mostrá-las ao aprendiz por uma ótica diferente.

Testadas no nível formal (Apêndice 1), todas as expressões foram contextualizadas em fragmentos de texto retirados de gêneros diversos, mas em sua maioria reportagens. A pesquisadora forneceu sua própria definição de expressão idiomática para que fossem formados quadros para a sistematização dos dados. As expressões idiomáticas foram analisadas em seis aspectos distintos: 1) possibilidade de mudança de ordem, 2) possibilidade de inserção de elementos modificadores, 3) possibilidade de flexão, 4) possibilidade de derivação, 5) desgaste fonológico e 6) uso metonímico. Com os testes, observou-se o grau de fixidez das expressões e percebeu-se que se encontram em um *continuum* de lexicalização, não constituindo um conjunto homogêneo de construções cristalizadas, como simplesmente as trata a literatura corrente. Abaixo, estão exemplos de cada teste:

1. Mudança de ordem: *pendurar as chuteiras* → as chuteiras pendurar
2. Inserção de elementos modificadores: *pegar no pé* → pegar excessivamente no pé
3. Flexão: *descascar o abacaxi* → descascar os abacaxis
4. Derivação: *tiro pela culatra* → tirinho pela culatra
5. Metonímia: *colírio para os olhos* → colírio

Os testes feitos nas expressões idiomáticas foram de cunho gramatical, lexical, semântico e sintático. Embora também fossem de interesse deste trabalho, não foram encontradas ocorrências de desgaste fonológico, ainda que o fenômeno seja típico do processo de gramaticalização e de composições lexicais por aglutinação.

Destaca-se que todas as 254 expressões foram testadas a partir de gêneros textuais autênticos oriundos do meio virtual. A maioria partiu de jornais de grande circulação, o que evidencia que o uso está extremamente difundido em nossa língua, mesmo na escrita formal. O teste foi feito da seguinte maneira: sistematizaram-se as EIs levantadas no *corpus* com base na noção de *continuum*. Hopper e Traugott (1993) afirmam que há nas línguas um *continuum* com diferentes grupos de elementos que se comportam como mais lexicais ou mais gramaticais. A noção de *continuum* é necessária, pois um elemento linguístico não passa, por exemplo, de uma categoria a outra de forma abrupta, isso ocorre de uma maneira gradual e, em diversas línguas, de maneira semelhante.

Trabalhou-se com um *continuum* de lexicalização: criação de itens lexicais resultantes da junção de outros itens lexicais (Brinton e Traugott 2005). Esses itens sofrem alterações semânticas à medida que há a formação de um conteúdo e alterações de categorias. A noção de *continuum* de lexicalização permitiu que, durante a análise das expressões idiomáticas, constatasse-se o nível de lexicalização de cada uma. Para a classificação das EIs, contou-se com a colaboração de dois falantes nativos do português brasileiro, além da pesquisadora, que respondiam “possível” e “não recorrente” aos testes contextualizados por meio dos gêneros textuais.

Foram estabelecidos seis níveis para o *continuum*: do nível um ao nível seis, respectivamente, das expressões menos lexicalizadas para as expressões mais lexicalizadas. A obtenção desses níveis foi dada pelo resultado dos testes: para cada teste a que a expressão resistia, ela ganhava uma gradação a mais na escala. Observa-se, por exemplo, a expressão *sai pra lá, jacaré*. Essa EI não permite nenhum tipo de teste (mudança sintática, inserção de elementos, flexão, derivação, não há mudança fonológica nem possibilidade de metonímia). Dessa forma, essa expressão estaria no nível máximo de lexicalização, o nível 6. Já a expressão *deixar na mão*, por ter um verbo em sua estrutura, já permite a flexão verbal, estando, portanto, no nível 5 de lexicalização. As EIs foram agrupadas primeiramente como verbais e não verbais, mesmo considerando que as EIs têm caráter predicativo e não argumental. As EIs que têm verbos explicitamente em suas estruturas não poderão receber em nenhum caso uma classificação para o nível seis de lexicalização, uma vez que já respondem positivamente ao teste de flexão verbal.

Expressões idiomáticas e ensino de português como língua estrangeira

Quando o aprendiz estuda uma língua estrangeira em contexto de imersão, ele percebe que a realidade dos livros didáticos mostra um contato longínquo dos usos reais da língua. Ao conhecermos as abordagens para o ensino de línguas, considera-se que a mais adequada para essa proposta seja a abordagem sociointeracionista. Dessa forma, a EI deve ser tratada de maneira contextualizada, com o apoio da teoria da enunciação. A partir desta proposta, cada EI será mostrada para o aprendiz juntamente com as possibilidades de mudança na estrutura do fenômeno. O aprendiz não precisa ter conhecimento da terminologia utilizada para a elaboração do modelo, mas conhecerá, pelo uso, o grau de fixidez de cada expressão.

O aprendiz será levado a conhecer as EIs gradualmente, por meio de contextos e exemplos de uso adequado para cada uma delas, como é possível observar no Apêndice 2 um exemplo didático. Esse modelo se estende a todas as EIs mais verbais. As EIs mais verbais estão no polo menos lexicalizado no *continuum*, evidenciando que o processo de lexicalização não ocorre de maneira brusca, mas sim gradual. Isso nos indica que, com o tempo, a expressão pode se tornar mais fixa e cristalizada, sendo possível ascender para os níveis mais elevados do *continuum*.

Para levar o aprendiz a conhecer as construções fraseológicas, deve-se primeiro questionar o que ele sabe sobre expressões idiomáticas. Uma estratégia simples é indicar que essas expressões são grupos de duas ou mais palavras cujo significado não é dado por sua literalidade. Dessa forma, o todo não é resultado da soma das partes. Em seguida, pode-se mostrar ao aprendiz que o fenômeno apresenta níveis de fixidez, sendo umas expressões idiomáticas mais mutáveis

que outras. Em contraste, há expressões como *tudo a ver*, *olho gordo* e *mão na roda*, que, de acordo com os testes, não permitem modificações; e outras como *dar um jeito*, *fazer hora* e *descascar o abacaxi*, que, sim, permitem mudanças. Por fim, o professor pode localizar textos autênticos que apresentem ocorrências da expressão com a qual deseja trabalhar, como a expressão *fazer hora*, no excerto a seguir: “Tivemos que parar na Lagoa. Entramos num restaurante pra fazer hora. E, depois, conseguimos chegar em casa às 11:50 da noite” (“Se você mora no Rio”).

Após questionar o aprendiz sobre o sentido contextualizado da expressão, o professor pode, ainda, dar sua própria definição e apresentar as possibilidades de mudança estrutural da construção, bem como suas variações de formalidade. Por exemplo: *fizemos hora/vamos fazer hora*, *fazer uma hora*, *fazer uma horinha*. A ênfase para o diminutivo deve indicar ainda um tratamento mais íntimo com o interlocutor ou um tempo mais curto de espera.

A elaboração de um modelo de ensino de EIs é insumo válido tanto para professores quanto para aprendizes de português como língua estrangeira. A partir do estudo feito, reafirma-se o caráter predicativo dessas expressões, que são processuais e possuem mais estrutura de predicado que de argumento.

Conclusão

Este trabalho propôs uma análise funcional-tipológica de EIs. Considerando as lacunas deixadas pelas produções didáticas voltadas para o ensino de português como língua estrangeira em relação ao fenômeno das EIs, esta pesquisa também teve como objetivo trazer uma nova proposta de ensino dessas expressões que possa ser utilizado como insumo por professores.

Considera-se, a partir deste trabalho, EIs como unidades complexas que estão no caminho entre léxico e gramática e, dependendo do seu nível de lexicalização, podem ser indecomponíveis. As EIs, de maneira geral, são passíveis de análise e contam com um caráter mais predicativo que argumental. As EIs não se encaixariam propriamente na categoria léxico, mesmo as mais lexicalizadas, uma vez que possuem propriedades frásticas e discursivas mais complexas que itens lexicais. Há a tendência, inclusive, de considerá-las itens linguísticos de tipo predicado, e não de tipo argumento.

Reconhece-se o empenho dos professores e pesquisadores que trabalham na produção de materiais didáticos voltados para o ensino de português como língua estrangeira e as dificuldades encontradas por esses elaboradores na unificação de um público-alvo e dos problemas interculturais existentes. Portanto, espera-se que a proposta de ensino aqui sugerida possa contribuir para a consolidação de um ensino adequado de EIs.

OBRAS CITADAS

- Basílio, Margarida. (1987). *Teoria lexical*. São Paulo: Ática. Impresso.
- Benveniste, Émile. (1974). *Problemas de lingüística geral I*. Campinas: Pontes. Impresso.
- Biderman, Maria Teresa Camargo. (2005). “Unidades complexas do léxico”. *Estudos em homenagem ao professor doutor Mário Vilela*. Vol. 2. Ed. Graça Rio-Torto, Olívia Figueiredo e Fátima Silva. Porto: Faculdade de Letras da U do Porto. Impresso.
- Bizon, Ana Cecília, e Elizabeth Fontão. (2005). *Estação Brasil: Português para estrangeiros*. Campinas, Átomo. Impresso.
- Brinton, Laurel, e Elisabeth Closs Traugott. (2005). *Lexicalization and Language Change*. Cambridge: Cambridge UP. Impresso.
- Burim, Silvia R. B. Andrade, Susanna Florissi, Maria Harumi Otuki De Ponce. (2003). *Tudo bem? Português para uma nova geração*. Vol. 2. São Paulo: SBS. Impresso.
- Givón, Talmy. (1995). *Functionalism and Grammar*. Amsterdam: John Benjamins. Impresso.
- Guimarães, Eduardo. (1987). *Texto e argumentação: Um estudo de conjunções do português*. Campinas: Pontes. Impresso.
- Hopper, Paul, e Elisabeth Closs Traugott. (1993). *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge UP. Impresso.
- Ilari, Rodolfo. (2001). *Introdução à semântica: Brincando com a gramática*. São Paulo: Contexto. Impresso.
- Klobucka, Anna, et al. (2007). *Ponto de Encontro: Portuguese as a World Language*. Upper Saddle River, NJ: Prentice Hall. Impresso.
- Lakoff, George. (1987). *Women, Fire, and Dangerous Things: What Categories Reveal about the Mind*. Chicago: U of Chicago P. Impresso.
- Lakoff, George, e Mark M. Johnson. (1980). *Metaphors We Live By*. Chicago: Chicago UP. Impresso.
- Lima, Emma Eberlein, e Samira Abirad Iunes. (1999). *Falar... Ler... Escrever... Português: Um curso para estrangeiros*. São Paulo: EPU. Impresso.
- Lima, Emma Eberlein, et al. (2005). *Português via Brasil: Um curso avançado para estrangeiros*. São Paulo: EPU. Impresso.
- . (2009a). *Novo avenida Brasil 1: Curso básico de português para estrangeiros*. São Paulo: EPU. Impresso.
- . (2009b). *Novo avenida Brasil 2: Curso básico de português para estrangeiros*. São Paulo: EPU. Impresso.
- Ponce, Maria Harumi, Silvia Burim, e Susanna Florissi. (1999). *Bem-vindo!* São Paulo: SBS. Impresso.
- . (2000). *Tudo bem? Português para uma nova geração*. Vol. 1. São Paulo: SBS. Impresso.
- . (2006). *Panorama Brasil: Ensino do português do mundo dos negócios*. São Paulo: Galpão. Impresso.
- Rocha Fernandes, Gláucia Roberta, Telma de Lurdes São Bento Ferreira, e Vera Lúcia Ramos. (2008). *Muito prazer: Fale o português do Brasil*. Barueri: Disal. Impresso.
- “‘Se você mora no Rio, fique em casa’, diz William Bonner no Twitter.” (2010). 6 abr. 2010. Web. 9 de ago. 2010.
- Vargens, João Baptista M., Geni Harb, Suely Ferreira Lima, Bianca Graziela da Silva, e Heloisa Ellery de Menezes. (2007). *Português para falantes de árabe*. Rio Bonito: Almádena. Impresso.
- Xatara, Claudia Maria. (1998). “A tipologia das expressões idiomáticas”. *Alfa* 42: 169–76. Impresso.

APÊNDICES

Apêndice 1: Modelo de análise de expressões idiomáticas

Expressão Idiomática

66. Ossos do ofício

Interpretação do sentido

Consequências do trabalho.

Testes

Mudança de ordem

Inserção

Flexão

Derivação

Metonímia

Ofício dos ossos

Ossos do difícil ofício

Ossos do ofício

Ossinhos do ofício

Ossos; ofício

Aceitabilidade

N

S

N

S

N

Contexto

“O ex-Beatle Paul McCartney, 67, descreveu como ‘ridículos’ os rumores sobre sua morte, que surgiram há mais de 40 anos, mas disse que eles eram **ossos do ofício** para quem estava em uma das maiores bandas do mundo.”

Fonte: “Paul McCartney chama boatos sobre sua morte de ‘ridículos’”. Web. 29 ago. 2009.

Apêndice 2:

Qual foi a última vez que você teve uma pedra no sapato?
<p>Expressões idiomáticas são agrupamentos de palavras que possuem um caráter metafórico, ou seja, há outra referência das palavras aos elementos externos à estrutura. O significado desse agrupamento de palavras não é dado pela soma de seus elementos.</p> <p>As expressões idiomáticas em português brasileiro possuem diferentes níveis de fixidez. Dependendo da expressão, podemos mexer em sua estrutura para adequá-la a determinado contexto.</p>
<p>Leia o parágrafo abaixo:</p> <p>“Assédio moral no trabalho é uma <i>pedra no sapato</i> de muita gente, mas pode ser confundido com outros comportamentos que não se enquadram nas punições previstas em lei. O advogado e consultor Marcos Alencar tira dúvidas sobre o assunto em palestra na Livraria Jaqueira (3265-9455), dia 11. Inscrições gratuitas, mas vagas limitadas.”</p> <p style="text-align: right;">“Marteladas no passado”. <i>Diário de Pernambuco</i>. Web. 10 ago. 2010.</p>
<p>Por meio do texto, o que você entende por pedra no sapato?</p> <hr/> <hr/>
<p>Em português, pedra no sapato quer dizer: problema, empecilho. Você pode usar essa expressão com os verbos: ter, ser e ficar. Situações de uso: formal e informal. Você também pode usar essa expressão com essas formas:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Com uma palavra para dar intensidade ao problema: “pedra imensa no sapato”; - Usando o diminutivo ou o aumentativo para intensificar o problema: “pedrinha no sapato” ou “pedrona no sapato”; - Com o plural: “pedras nos sapatos”.